

# OS SENTIDOS SOBRE PROGRESSO NO INÍCIO DA COLONIZAÇÃO DE CLÁUDIA – MATO GROSSO: UM RECORTE DISCURSIVO-IMAGÉTICO

## THE MEANINGS ABOUT PROGRESS AT THE BEGINNING OF COLONIZATION OF CLAUDIA CITY – MATO GROSSO STATE: A DISCURSIVE AND IMAGETIC CLIPPING

Cristinne Leus TOMÉ  
Universidade do Estado de Mato Grosso  
Campus Universitário de Sinop  
cristinne@unemat-net.br

**RESUMO:** A partir de uma fotografia com os dizeres “Transformamos natureza em progresso”, este artigo coloca a seguinte questão de análise: como se constituíram os efeitos de sentidos sobre o progresso em Cláudia (Mato Grosso) na década de 1980? No estudo da fotografia, como um meio não-verbal, busca-se compreender como a sociedade constitui um discurso visual e econômico-progressista sobre a transformação da natureza em que os sujeitos significam a si mesmos e ao seu entorno. A base teórica foi a Análise de Discurso fundada por Michel Pêcheux em que se destacaram as seguintes noções: sujeito, sentidos e memória. O discurso sobre o progresso que circulava nos meios publicitários construiu a imagem do sujeito imigrante masculino como um homem dono de seu dizer, desbravador, desmatador, destocador, plantador, capaz de transformar a natureza em busca do seu crescimento econômico.

**PALAVRAS-CHAVE:** Análise de Discurso. Sentidos. Progresso. Michel Pêcheux.

**ABSTRACT:** From a photograph with the words “we transform nature in progress”, this article points out the following question of analyses: how were built the effects of meaning on progress in Claudia city (Mato Grosso) in the 1980s? In the photograph study, as a means nonverbal, we seek to understand how the society had built an economic-progressist visual speech on the nature transformation in which the subject mean themselves and their surroundings. The theory base of this work was the Discourse Analyses founded by Michel Pêcheux in which we highlighted the following issues: subject, meanings and memory. The discourse that circulated in media advertising had built the image of a male immigrant subject as a man owner of his say, pionner, deforester, “destocador”, planter, able to transform the nature seeking his economic growth.

**KEYWORDS:** Discourse Analysis. Meanings. Progress. Michel Pêcheux.

### Introdução

A história da cidade Cláudia, uma das cidades que formavam o espaço de colonização da Gleba Celeste, é recente, nos remete à década de 70 do século passado. Apesar de discussões sobre a intenção de povoamento da floresta amazônica remontarem ao Governo de Getúlio Vargas (1937, com a Marcha para o Oeste), projetos

de colonização mais sistemáticos no norte do Mato Grosso ocorreram na década de 70. Tratando-se da Gleba Celeste, a empresa privada Sociedade Imobiliária do Noroeste do Paraná (SINOP), de propriedade de Ênio Pipino e João Pedro Moreira de Carvalho, foi a responsável pela criação das cidades a partir de um contrato que abarcava desde o desmatamento para a construção dos centros urbanos até o assentamento das pessoas.

A Colonizadora Sinop ocupou uma área de 645 mil hectares, divididos em lotes de diferentes tamanhos. Foram instalados quatro núcleos urbanos e de apoio dentro da área de colonização: Vera, Santa Carmem, Cláudia e Sinop, que hoje é sede do município do mesmo nome e a principal cidade do projeto, após se desmembrar de Chapada dos Guimarães em 1979. (SOUZA, 2004, p. 84).

O povoamento dessas cidades fez-se por meio de propagandas principalmente em cidades da Região Sul do Brasil. Nas zonas rurais e urbanas, aos pequenos proprietários foi-lhes apresentada a oportunidade de trocarem suas propriedades por extensões maiores de terra ou mesmo a perspectiva em almejar um novo trabalho. A terra do Mato Grosso foi apresentada como excelente para o plantio e grandes lucros eram colocados como certos.

O panfleto abaixo (retirado de SOUZA, 2004, p. 309) mostra, por um lado, a imagem do espaço urbano Sinop recém-aberto e, ao outro, uma plantação de café com os dizeres: “Em terra livre de geada.” Este texto é uma típica referência ao clima inóspito da Região Sul, onde a geada matinal queima plantações inteiras sem que o agricultor tenha meios de protegê-las mais eficazmente. A publicidade de uma terra apresentada como livre de geada induz o agricultor a sonhar com a possibilidade de acordar pela manhã e não ver sua lavoura queimada, imagem por si só incentivadora para a migração rumo ao Oeste. “O que os textos da mídia oferecem não é a realidade, mas uma construção que permite ao leitor produzir formas simbólicas de representação da sua relação com a realidade concreta.” (GREGOLIN, 2003, p. 97).



**Figura 01 – A Sinop nos caminhos do futuro (anverso e verso)**

**Fonte: Edison Antônio de Souza, Acervo Particular, 2004.**

“A Sinop nos caminhos do futuro: um passo de conquista na Amazônia” dava título ao panfleto publicitário mostrando várias fotografias de plantações e uma da cidade. Os espaços apresentados nas imagens, com o horizonte infinito, despertam a ideia da infinitude, do sem limites para os que ali viessem, uma terra do possível e de fartura, com garantia de prosperidade acessível a todos.

Imigrantes começaram a desembarcar nas terras da Gleba Celeste, paranaenses a princípio, seguidos por catarinenses e gaúchos. Chegavam após uma jornada de dias em cima de caminhão ou ônibus trazendo um pouco de gado e poucos pertences, mas sempre a esperança de uma vida melhor. Dos pampas à floresta, das plantações de café às plantações de mandioca – um constante ressignificar se estabeleceu na vida dessas pessoas (TOMÉ, 2009).

A primeira atividade econômica que desenvolveram foi ligada ao corte e venda da madeira da região. Alguns tentaram derrubar e em seguida começar o plantio, enquanto outros encontraram no comércio da madeira um negócio a se investir. Lindolfo Trierweiller trouxe a família para abrir uma serraria e foi o primeiro madeireiro a se instalar na Gleba Celeste, já em 1972, do qual temos algumas impressões:

Na serraria precisava ter de tudo e a mão-de-obra se buscava no Paraná. Mas o obstáculo, segundo recorda Terezinha [Maria Terezinha Trierweiller, esposa], foi maior: o conhecimento das espécies florestais a trabalhar. Identificar a madeira, desde a escolha para o corte na mata até a

comercialização, sendo esse o principal desafio nos primeiros meses. “Era como uma pesquisa de laboratório” lembrou Lindolfo, em entrevista ao Jornal O Madeireiro, na década de 1990. (OLIVEIRA, 2011, p.33).

A falta passou a ser uma constante a significar para essas pessoas: a falta de conhecimento das madeiras, de comida, a falta de remédios, a falta de estradas, a falta de... Aqueles que investiram no plantio se depararam com uma terra arenosa que necessitava de controle de acidez do solo, de adubos especiais e que aceitava apenas algumas poucas sementes sem o preparo da terra. Além do solo, o clima foi outro fator desconhecido pelo homem do Sul. Não havia mais as quatro estações conhecidas, mas um inverno que durava aproximadamente seis meses com chuvas torrenciais deixando o produtor agrícola sem a possibilidade de cuidar de sua plantação e um verão com dias ensolarados e secos, o que dificultava ao produtor manter a lavoura sem irrigação.

O não-conhecimento, o desconhecido, o novo e o diferente, a diversidade deste real que se apresentava ao migrante, as possibilidades outras no agir, no fazer, materializaram-se em novos sentidos para os sentidos já-dados. A Gleba Celeste foi a terra deste novo olhar discursivo. Os migrantes reconceituaram seu referencial linguístico ao darem novos sentidos a termos já tidos como certos, dados. Se antes da migração ao Mato Grosso o discurso destas famílias era o discurso dos pequenos proprietários rurais, agora o discurso era do migrante que participava de criação de uma nova cidade. Uma nova linguagem surgia a partir deste discurso: a grande propriedade no Sul do país era a propriedade média no Mato Grosso, a grande distância no Sul deixava de ser grande no Mato Grosso, a época de chuvas no Sul não era a mesma na nova cidade. Novos sentidos se constituíam e este homem e esta mulher tiveram que aprender a se movimentarem por estes labirintos de formações discursivas.

Ao refletirmos sobre a constituição de sentidos para progresso na cidade de Cláudia, encontramos-la associada (muito) ao discurso do universo masculino. Aos homens, o Adão mítico, a função de provedor do lar se enraizou em imagens que descrevem e narram esse papel. Aos homens coube a bandeira de desbravador, desmatador, destocador e, por fim, plantador. Em fotografias da época, encontramos o homem que dirige o trator que derruba a mata, o homem no trator que ara a terra, no trator que ajuda na colheita, o homem que dirige o caminhão que leva a safra, que transporta o gado, a madeira. Esse é o progresso masculino. A divisão dos papéis se torna intensa neste ponto, a do homem provedor e da mulher auxiliadora deste homem, ou, em alguns casos, no trabalho junto às instituições político-administrativas da cidade (TOMÉ, 2009).



**Figura 2 – Chegada dos imigrantes**  
Fonte: Colonizadora SINOP S.A., Acervo Particular, s.d.



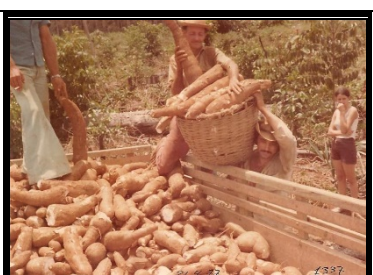
**Figura 3 – Abertura rural**  
Fonte: Colonizadora SINOP S.A., Acervo Particular, s.d.



**Figura 4 – Arando a terra**  
Fonte: Colonizadora SINOP S.A., Acervo Particular, s.d.



**Figura 5 – A plantação**  
Fonte: Colonizadora SINOP S.A., Acervo Particular, 21 abr. 1977.



**Figura 6 – A colheita**  
Fonte: Colonizadora SINOP S.A., Acervo Particular, 21 abr. 1977.



**Figura 7 – Madeireira Cláudia**  
Fonte: Colonizadora SINOP S.A., Acervo Particular, 17 nov. 1979.

Ao abordar o discurso do progresso dialogamos com alguns recortes históricos que apontam à materialidade das narrativas-imagéticas no fio do discurso. A Análise de Discurso nos coloca que é “[...] a inscrição da história na língua que faz com que ela signifique” (ORLANDI, 1994, p.53) e analisar uma fotografia para compreender os sentidos sobre o progresso é entender a fotografia como um momento discursivo representativo de um contexto discursivo:

Historicamente, a fotografia compõe, junto com outros tipos de texto de caráter verbal e não-verbal, a textualidade de determinada época. Tal ideia implica a noção de intertextualidade para a compreensão ampla das maneiras de ser e agir de determinado contexto histórico: à medida que os textos históricos não são autônomos, necessitam de outros para sua interpretação. Da mesma forma, a fotografia – para ser utilizada como fonte histórica, ultrapassando seu mero aspecto ilustrativo – [...]. (MAUAD, 2004, p.25).

Ao “ultrapassar o mero aspecto ilustrativo”, como apontado acima, temos neste recorte fotográfico que entender a fotografia como produção de um discurso visual do sujeito e de seu entorno social. A fotografia é um recorte histórico congelado no tempo, um momento único em dado espaço discursivo que permite ao analista o estudo das discursividades anteriores, os já-ditos, na produção dos efeitos de sentidos.

## **Cláudia: o espaço discursivo**

Cláudia, que hoje conta com 11.457 habitantes (IBGE, 2014) começou com o grande projeto de colonização do Mato Grosso e da Amazônia Legal no final da década de 1970. É nesse espaço geográfico que em:

Em 1970, o Grupo Sinop, motivado pelos incentivos fiscais concedidos pelo Governo Federal aos empresários que pretendessem ocupar áreas localizadas na Amazônia Legal, adquiriu uma grande extensão de terras na pré-amazônia mato-grossense, no município de Chapada dos Guimarães (à época maior município em extensão do Estado) e, em 1972, deu início à colonização do “Núcleo Colonial Celeste”, primeiro Distrito de Chapada dos Guimarães. Este núcleo, mais tarde denominado “Gleba Celeste”, através de novas aquisições, chegou a 645.000 hectares. (SOUZA, 2004, p.116).

Em 1977 ocorreu a divisão do Estado do Mato Grosso com a criação do novo Estado de Mato Grosso do Sul<sup>32</sup>, e em 1979 houve o desmembramento do Município de Chapada dos Guimarães com a criação do Município de Sinop, formado pelas cidades de Sinop, Vera, Santa Carmem, Cláudia e Marcelândia. Em 04 de julho de 1988, foi criado o Município de Cláudia<sup>33</sup> a partir do desmembramento dos Municípios de Sinop, Itaúba e Marcelândia.

O corte da floresta para a instalação da cidade de Cláudia começou em 1978 com a chegada dos primeiros imigrantes no ano seguinte. Como ocorrera em Sinop, na cidade de Cláudia as madeiras logo se instalaram, sendo a primeira a Madeira Cláudia, de propriedade de Antonio Maldonado, em 1979.

Maldonado conheceu os benefícios de se instalar no norte do estado por meio do desbravador Ênio Pipino. As terras que eram doadas para famílias construírem e prosperarem junto com as cidades que, na época, eram apenas clareiras abertas na mata. Ao chegar à localidade ganhou dez alqueires onde instalou a Madeira Cláudia e iniciou os trabalhos com dez funcionários, serrando cedro e peroba. (OLIVEIRA, 2011, p. 129-130).

Assim como aconteceu com a família Maldonado, outras famílias chegaram a Cláudia já com a confirmação da terra doada pela Colonizadora SINOP para a implantação de suas fábricas, escritórios ou mesmo para a construção de prédios públicos e comerciais.

---

<sup>32</sup>BRASIL. Lei complementar nº. 31, de 11 de outubro de 1977. Cria o Estado de Mato Grosso do Sul, e dá outras providências.

<sup>33</sup> MATO GROSSO. Lei nº. 5.319, de 04 de julho de 1988. Cria O Município de Cláudia, com sede na localidade do mesmo nome, desmembrado dos Municípios de Sinop, Itaúba e Marcelândia.

A ideia de progredir em um novo espaço urbano chegou junto com estes novos colonizadores. Sentidos sobre o “progredir” foi uma noção construída a partir de um trabalho social, isto é, a partir das relações sociais que se estabelecem neste espaço discursivo que se chama Cláudia, mediados pelas instituições (aparelhos discursivos) em seu entorno e determinadas pelas condições históricas, econômicas e políticas do país dos anos 70 e 80.

Efeitos de sentidos se constituíram a partir de marcas discursivas como as do panfleto com os dizeres “A Sinop nos caminhos do futuro: um passo de conquista na Amazônia” e “terra livre de geada”. As marcas discursivas imagéticas apresentadas como a imagem de grandes propriedades rurais se tornavam um lugar de disputa simbólica quando comparadas à pequena propriedade rural anterior deste migrante. O discurso econômico-progressista em Cláudia se constituiu como uma prática a partir dos sentidos já dados desses migrantes antes de sua partida de origem.

### **Progresso: uma prática discursiva**

As condições de produção de Cláudia na década de 80 possibilitaram esse discurso econômico a partir da história da Gleba Celeste e da posição desses sujeitos que se leram como progressistas. Para a Análise de Discurso, os sujeitos significam e são significados no discurso a partir da memória dos dizeres.

A inscrição do acontecimento no espaço da memória é um processo discursivo. Em Pêcheux (1999, p. 50), a memória se compreende “[...] nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória construída do historiador”. O autor aborda que o que é memorizável, isto é, a inscrição do acontecimento, passa por uma tensão: “– o acontecimento que escapa à inscrição, que não chega a se inscrever; [e] – o acontecimento que é absorvido na memória, como se não tivesse ocorrido”. Essa dupla forma-limite percorre as narrativas imagéticas – a tensão dos sentidos entre o inscrever-se e o não inscrever-se. Essas formulações se tornaram acontecimentos discursivos que se inscreveram estabelecendo sentidos hegemônicos em uma prática discursiva. Para Foucault (1997, p. 12):

As práticas discursivas não são pura e simplesmente modos de fabricação de discursos. Ganham corpo em conjuntos técnicos, em instituições, em esquemas de comportamento, em tipos de transmissão e de difusão, em formas pedagógicas, que ao mesmo tempo as impõem e as mantêm.

Os empresários do setor privado encontravam-se dentro de um contexto histórico-social produzindo seus discursos a partir de “esquemas de comportamento”

(citado acima). Ao discorrerem sobre progresso, de sua empresa como motora ao progresso, esses sujeitos se posicionam dentro do sistema de “conjuntos”, “instituições” que promoveram a produção e reprodução de seus discursos.

O percurso para os efeitos de sentido de progresso em dada prática discursiva, requer que interroguemos o seu funcionamento buscando, em suas regularidades, aproximações, distanciamentos, deslocamentos na construção de uma memória do dizer. Momento em que o analista se coloca: “Face a qualquer objeto simbólico, o sujeito se encontra na necessidade de ‘dar’ sentido. O que é dar sentido? Para o sujeito que fala, é construir sítios de significância (delimitar domínios), é tornar possível gestos de interpretação.” (ORLANDI, 2007a, p. 64).

Na prática discursiva dos empresários, encontramos manifestações de interpretações a partir das construções dos “sítios de significância” nas relações entre a história e o social. Segundo Pêcheux (2002, p. 54, grifo do autor), “[...] é porque há o *outro* nas sociedades e na história, correspondente a esse outro próprio ao linguajeiro discursivo, que aí pode haver ligação, identificação ou transferência, isto é, existência de uma relação abrindo a possibilidade de interpretar.” Interpretar a narrativa em uma fotografia é interpretar uma prática discursiva.

A fotografia selecionada para análise tem como data maio de 1985 e apresenta as seguintes características: é dia, apresenta a entrada de uma propriedade, um caminhão Scania com carga e no para-choque os dizeres “Canozo” à esquerda e “Madeira” à direita e dois homens parados. Na frente da propriedade, há uma placa com os dizeres “Transformamos a natureza em progresso”. A materialidade discursiva desta fotografia enuncia as experiências já-dadas destes sujeitos migrantes sobre os sentidos para progresso ao destacar na placa a palavra “progresso”, colocando-a em um tamanho maior e em cor vermelha.





<p><b>Figura 8 – Placa na frente da Madeireira Canozo – Cláudia (anverso)</b> <b>Fonte: Claudevânia Anderle, Acervo Particular, 1985.</b></p>	<p><b>Figura 9 – Placa na frente da Madeireira Canozo – Cláudia (verso)</b> <b>Fonte: Claudevânia Anderle, Acervo Particular, 1985.</b></p>
---	---

Ao designar-se como progressista, a empresa madeireira levanta o discurso econômico da década de 1980 ao qual se encontrava assujeitada. No intertexto presente na placa, vemos que “[...] as palavras não significam em si. É o texto que significa. Quando uma palavra significa é porque ela tem textualidade, ou seja, porque a sua interpretação deriva de um discurso que a sustenta, que a provê de realidade significativa” (ORLANDI, 2007a, p. 52). A empresa se apresenta como a imagem desde progresso, ao qual todos buscavam quando migraram para Cláudia, é a representação materializada do discurso do homem vencedor.

### **O Transformador: a imagem discursiva do progresso**

Transformar a natureza é uma prática humana que diferencia a nossa espécie da dos outros animais. Eva colheu a fruta, Abel pastoreava, Caim lavrava, Nimrod foi um fundador de cidades, Jubal inventou a música, Adão foi o grande pensador que nomeou todas as coisas da terra, acima e abaixo dela – mitos foram criados a fim de exemplificar os sistemas político-econômicos e sociais da interferência do homem, como ser transformador, sobre a natureza. E isto deve-se porque não existe de um lado o homem (sujeito) e do outro a natureza (objeto) – mas um contínuo processo de construção, desconstrução, reconstrução, de interação entre ambos os lados.

É na realidade econômica, social, política e cultural que os homens se produzem enquanto seres da natureza. Através do trabalho, eles transformam a realidade para satisfazer desde suas necessidades de alimentação, procriação e habitação, até aquelas decorrentes das esferas política, ética e espiritual. (DVORANOVSKI, 1997, p. 13).

Os imigrantes sulistas não conheciam uma floresta dentro dos aspectos biológicos do que seja uma vegetação amazônica, não conheciam a terra a ser plantada nem as novas espécies de animais a serem caçados. Ao produzirem conhecimento, eles transformaram a natureza, modificaram as áreas florestais em pastagens, plantações e cidades, modificaram as nascentes de água, modificaram a terra – no mundo simbólico da época circulava o discurso do progresso, em que era imperativo crescer economicamente. O homem migrante se nomeava como proprietário dessa natureza sujeito de um discurso progressista, Adão mítico cartesiano dono de seu dizer.

Na análise do discurso deste migrante o que encontramos é um sujeito seccionado entre suas posições assumidas, uma vez que,

[...] ao se filiar a esse sentido, é acometido por dois tipos de “esquecimentos”, uma “ilusão” do sujeito de não ser assujeitado: na ordem do interdiscurso, “[...] o ‘esquecimento n.º 1’, que dá conta do fato de que o sujeito-falante não pode, por definição se encontrar no exterior da formação discursiva que o domina.”; na ordem do intradiscurso, “[...] o ‘esquecimento n.º 2’ pelo qual todo sujeito-falante ‘seleciona’ no interior da formação discursiva que o domina, isto é, no sistema de enunciados, formas e seqüências que nela se encontram em relação de paráfrase [...]” (PÊCHEUX, 1995, p. 173, destaque do autor).

O sujeito se constrói pela memória do dizer, isto é, o sujeito é determinado sempre por outros dizeres, o discurso é determinado pelo interdiscurso, na tensão entre o esquecimento e a resignificação. Não há sujeito sem memória, pois: “Considerando a linguagem como prática – isto é, como mediação necessária entre o homem e a sua realidade natural e/ou social – [...] não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia. [...] Há, pois práticas simbólicas significando (produzindo) o social.” (ORLANDI, 2001, p. 63). O discurso é concebido nas práticas simbólicas, em uma dinâmica entre o sujeito e a linguagem, entre a construção e o apagamento.

Temos aqui o domínio da memória, como apresenta Orlandi (2007b, p. 87-88), “O interdiscurso é o conjunto do dizível, histórica e linguisticamente definido. [...] Ele se apresenta como séries de formulações que derivam de enunciações distintas e dispersas que formam em seu conjunto o domínio da memória.” O sujeito, em suas diversas posições assumidas, se apropriará de dizeres já-dados, e irá, constantemente, constituir o lugar da memória.

As condições de produção do discurso de criação da Gleba Celeste apontam para uma publicidade oficial ufanista e de euforia com os acontecimentos, com *slogans* como **Brasil: ame-o ou deixe-o, Ninguém mais segura este país**. A seleção brasileira de futebol havia conquistado o tricampeonato mundial no México em 1970, o prefixo tri passou a ser usado cotidianamente como aumentativo, principalmente pelos jovens, como, por exemplo, a Transamazônica era tri-grande, a escola era tri-bona, entre outros. No rádio, escutava-se músicas como **Eu te amo meu Brasil** cantada pela banda Os Incríveis e **País Tropical** de Jorge Ben, os pais sentavam-se para assistir ao Jornal Nacional, apresentado por Sérgio Chapelin e Cid Moreira, e as mães esperavam pela novela das 8h, Selva de Pedra<sup>34</sup>. (TOMÉ, 2009).

---

<sup>34</sup>**Eu Te Amo Meu Brasil**. Música e Letra de Dom e Ravel, 1970. (MARCHINHA da Discórdia). **País Tropical**. Faixa do disco **Jorge Bem** de 1969, gravado pela Universal Music. (JORGEBENJOR). 1972.

A adesão ao discurso econômico do ‘país que vai para a frente’ pelo povo brasileiro foi reforçada como a propaganda oficial na década de 70. As jovens da década de 70 são os empresários migrantes em Cláudia na década de 80. A construção de sentidos para progresso encontra-se na relação entre o interdiscurso (já-ditos, dizível) e o intradiscurso (o que se enuncia em dada condição). As condições de produção do enunciado “Transformamos a natureza em Progresso” nos remete a uma prática discursiva de ocupação colonizatória e econômica do espaço geográfico do Centro-Oeste em que o desmatamento era compreendido como necessário para haver progresso.

O discurso do progresso sustentável, como circula hoje em dia quase 30 anos depois da fotografia na frente da Madeireira Canozo, encontra-se inserido na nova ordem político-econômica mundial. A partir de 1980, iniciou-se a falar sobre crescimento econômico sustentável no Brasil. A ideia tomou força com a fundação do Partido Verde em 1986, em que ecologistas, biólogos, políticos, artistas e sociedade em geral começaram a questionar o desmatamento em grande escala na Floresta Amazônica sem um estudo sobre as consequências possíveis.

Hoje o discurso sobre o crescimento sustentável (no tripé econômico-sócio-ambiental) se sobrepôs ao discurso sobre o progresso. Os sentidos para progresso não são mais os mesmos da década de 80. A ideia de transformar a natureza com o corte das árvores ressignificou.

## **Conclusão**

O sujeito transformador da natureza em progresso traz presente uma memória vinculada às formações discursivas de uma sociedade inscrita em suas práticas sociais, uma vez que transitando no interdiscurso os sentidos significam. No discurso do progresso em Cláudia (MT), aparece a relação com os já-ditos publicitários brasileiros, a relação entre o interdiscurso e o intradiscurso.

A memória significou esta materialidade discursiva com os dizeres “transformamos a natureza em progresso”. A repetição e a regularidade de marcas discursivas que apontaram a este sujeito migrante que, em Cláudia, ele seria o transformador na passagem da “natureza” (a floresta) em “progresso” (utilização deste

---

Ano em que Sérgio Chapelin iniciou a apresentação do Jornal Nacional. (GLOBO. Jornalismo. 1972). **Novela das 8** – Novela das 20 h. **Selva de Pedra** foi ao ar em 1972. (GLOBO. Arquivo G1 relembra Regina Duarte em vídeos).

espaço visando ao lucro) se destacaram no discurso masculino. A participação masculina foi marcada nas publicações da época, destinadas ao homem que desejava um lugar com melhores condições de lida com a terra. Os já-dados, os pré-construídos, os elementos comparativos entre a terra na Gleba Celeste e a terra na Região Sul, a possibilidade de grandes extensões de terras e grandes quantidades de toras para a venda da madeira construiu dado imaginário enunciativo: transformamos a natureza em progresso.

A madeireira, como um lugar social institucionalizado, se identificou e repetiu o discurso produzido pela Colonizadora SINOP que, por sua vez, encontrava-se inserido na prática discursiva circulante no Brasil dos anos 70 e 80, em que os recursos naturais estavam disponíveis a esses sujeitos para seu aproveitamento. O sentido de ser um sujeito transformador rumo ao progresso foi um elemento unificador entre o eu e o discurso publicitário da época.

No espaço discursivo que se instaurou em Cláudia, os sentidos convergiram atendendo aos interesses políticos de ocupação e colonização do Mato Grosso. Quando compreendemos discurso como efeito de sentidos entre sujeitos que ocupam “lugares determinados na estrutura de uma formação social” (PÊCHEUX, 1990, p. 82), no interior de uma prática discursiva, entendemos este sujeito como identificado a este lugar socialmente construído, e com poderes de transformar em progresso a natureza.

## Referências

ANDERLE, Claudevânia B. **Placa na frente da Madeireira Canozo (anverso)**. 1985. 1 fotografia, color., 10,76 cm x 14,34 cm.

\_\_\_\_\_. **Placa na frente da Madeireira Canozo (verso)**. 1985. 1 fotografia, color., 7,98 cm x 10,66 cm.

COLONIZADORA SINOP S.A. **Chegada dos Imigrantes**. s.d. 1 fotografia, color., 3,43 cm x 4,83 cm.

\_\_\_\_\_. **Abertura rural**. s.d. 1 fotografia, color., 3,48 cm x 4,82 cm.

\_\_\_\_\_. **Arando a terra**. s.d. 1 fotografia, color., 3,46 cm x 5,06 cm.

\_\_\_\_\_. **A plantação**. 21 abr. 1977. 1 fotografia, color., 3,35 cm x 4,73 cm.

\_\_\_\_\_. **A colheita**. 21 abr. 1977. 1 fotografia, color., 3,37 cm x 4,71 cm.

\_\_\_\_\_. **Madeira Cláudia**. 17 nov. 1979. 1 fotografia, color., 3,37 cm x 4,74 cm.

DVORANOVSKI, Clovis. As relações homem-mundo e a produção do conhecimento. In: JOHANN, Jorge Renato (Org.). **Introdução ao Método Científico: conteúdo e forma do conhecimento**. Canoas: Ed. ULBRA, 1997.

FOUCAULT, Michel. **Resumo dos Cursos do Collège de France (1970-1982)**. Tradução de Andréa Daher. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

GREGOLIN, Maria do Rosário. O acontecimento discursivo na mídia: metáfora de uma breve história do tempo. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Discurso e mídia: a cultura do espetáculo**. São Carlos: Claraluz, 2003. p. 95–110.

MAUAD, Ana Maria. Fotografia e História – possibilidades de análise. In: CIAVATTA, Maria; ALVES, Nilda (Orgs.). **A leitura de imagens na pesquisa social: história, comunicação e educação**. São Paulo: Cortez, 2004. p. 19-36.

OLIVEIRA, Cristiane (Org.) **A saga dos guardiões da floresta: uma viagem emocionante à história do setor de base florestal de Mato Grosso**. Sinop: Sindusmad; Print, 2011.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Discurso, imaginário social e conhecimento. **Em Aberto**, Brasília, v. 14, n. 61, p. 53-59, jan./mar. 1994.

\_\_\_\_\_. **Discurso e Texto: formação e circulação dos sentidos**. Campinas: Pontes, 2001.

\_\_\_\_\_. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. 5.ed. Campinas: Pontes, 2007a.

\_\_\_\_\_. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 6.ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007b.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, Françoise; HAK, Tony. (Org.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas: Ed. da Unicamp, 1990, p. 61-162.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 2.ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.

\_\_\_\_\_. Papel da Memória. In: ACHARD, Pierre; et al. **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 1999. p. 49-57.

\_\_\_\_\_. **O Discurso: estrutura ou acontecimento**. 3.ed. Campinas: Pontes, 2002.

SOUZA, Edison Antônio de. **Sinop – História, Imagens e Relatos: um estudo sobre a sua colonização**. Cuiabá: EdUFMT, 2004.

TOMÉ, Cristinne Leus. **“Eu não sou professor, não”**: a presença do professor na cidade de Cláudia entre 1978 e 1988. 2009. 317 f. Tese (Doutorado em Educação)-Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

### **Outras fontes**

BRASIL. Lei complementar nº. 31, de 11 de outubro de 1977. Cria o Estado de Mato Grosso do Sul, e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 12 out. 1977. Disponível em: < [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/LCP/Lcp31.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/LCP/Lcp31.htm) >. Acesso em: 21 jan. 2006.

GLOBO. Arquivo G1 relembra Regina Duarte em vídeos. Disponível em: < <http://g1.globo.com/Noticias/PopArte/0,,MUL4140-7084,00.html> >. Acesso em: 15 fev. 2008.

Jornalismo. Disponível em: < <http://www.globo.com/Java/jornalismo/jn/img/linhadotempo.swf> >. Acesso em: 15 fev. 2008.

IBGE. Cidades@ 2014. Mato Grosso – Cláudia: População 2014. Disponível em: < <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=510305&search=mato-grosso|claudia> >. Acesso em: 05 set. 2014.

JORGE BENJOR. Disponível em: < <http://www.benjor.com.br/> >. Acesso em: 19 fev. 2008.

MARCHINHA da Discórdia. Disponível em: < <http://www.censuramusical.com/includes/entrevistas/Nene.pdf> >. Acesso em: 19 fev. 2008.

MATO GROSSO. Lei nº 5.319, de 04 de julho de 1988. Cria O Município de Cláudia, com sede na localidade do mesmo nome, desmembrado dos Municípios de Sinop, Itaúba e Marcelândia. Autor: Deputado José Lacerda. **Diário Oficial [do] Estado do Mato Grosso**, Cuiabá, 04 jul. 1988. Disponível em : <<http://www.al.mt.gov.br/Raiz%20Estrutura/leis/admin/ssl/frameset.html?page=l5319.htm>>. Acesso em: 21 jan. 2006.

PARTIDO VERDE: Diretório Estadual de São Paulo. História do Partido Verde no Brasil. Disponível em: < <http://www.pvsp.org.br/institucional/pv-memoria/20-partido-verde/historia-do-partido-verde-no-brasil.html> >. Acesso em: 20 jun. 2013.